



# Meltzer em pessoa: um impacto estético

*José Carlos Calich\*, Porto Alegre*

*A partir do contato com Donald Meltzer em visitas a Buenos Aires e à Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, o autor relata algumas situações experienciadas, bem como impressões pessoais a respeito de características do visitante.*

*Descritores: Donald Meltzer, psicanálise, instituição psicanalítica, comunicação, mundo interno.*



---

\* Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





Foi-me solicitado pela Comissão Editorial de nossa Revista que escrevesse um texto abordando um pouco da pessoa de Donald Meltzer, nosso contato com ele e sua visita à nossa Sociedade. Portanto, abaixo seguem algumas linhas que procuram recompor alguns fatos desta trajetória e o impacto que me causou, impacto, acredito, em linhas gerais, igual àquele vivido por todos que tiveram a sorte de compartilhar com ele alguns momentos.

Começo pelo final: sua morte, ocorrida no último mês de agosto, foi percebida por muitos de nós como perda de uma pessoa próxima. Como a de um amigo, já que freqüentemente devaneávamos conversas a respeito de psicanálise e emocionalidade, tendo-o como interlocutor imaginário, alguém que se transformou em um objeto inspiracional, usando um de seus criativos conceitos, deixando-nos em uma espécie de orfandade psicanalítica, uma privação de espaço de enunciação e elaboração.

Como habitualmente ocorre na construção deste tipo de relacionamento, sua trajetória como *persona* em nosso imaginário coletivo não foi simples ou linear. Na década de setenta, quando seus trabalhos começaram a ter repercussão internacional, ouvia-se “que era um autor que não deveria ser estudado”. Os comentários desdenhosos a seu respeito sugeriam uma pessoa muito problemática. Havia relatos de que costumava atravessar a rua toda vez que encontrava algum paciente fora de seu consultório, para que tivessem uma noção mínima de sua realidade e que, no interior de sua sala de atendimento, se mantinha em uma penumbra que impedia que lhe vissem o rosto. Além disso, com o mesmo propósito, dizia-se que atendia seus pacientes com ternos, camisas e gravatas sempre iguais. Suas interpretações em linguagem de objetos parciais, suas constantes referências a equivalências simbólicas, sua técnica de interpretar sonhos, sem ênfase nas associações imediatas e mesmo – ouvia-se – por troca de correspondência, eram consideradas por muitos como uma caricatura do processo psicanalítico, uma “quitanda de sonhos”, conforme alguns chamavam. Havia dúvidas quanto a suas posturas éticas e o contato de suas teorias com a realidade. Esta coletânea de “fatos” sempre muito difundida, mesmo dois meses após sua morte, foi denominada, em tom jocoso, em um jornal leigo local, como “a bizarrice de um notório psicanalista inglês”. Todos esses dados eram reforçados e validados institucionalmente pela sua ruptura com a Sociedade Britânica, tornando suas idéias de acesso ainda mais difícil.

Entretanto, a curiosidade de alguns e informações dispersas de outros conflitavam com o *statu quo ante*. Horácio Etchegoyen, por exemplo, bastante próximo de nossa Sociedade, havia se re-analisado com Meltzer, tinha novos subsídios





e relatava outras experiências. León Grinberg e colegas de Buenos Aires, do mesmo modo muito próximos à SPPA, faziam supervisões na Inglaterra e iniciavam grupos de estudo sobre a obra de Meltzer, tendo, inclusive, feito a tradução, com comentários, para o espanhol, dos *Estados sexuais da mente*, em 1974, apenas um ano após sua publicação em inglês. Além disso, o impacto da leitura de seus dois primeiros livros (*Explorações sobre o autismo* e *O processo psicanalítico*) por suas densidades teóricas, figurabilidade clínica, ampliação dos referenciais e caráter inovador trouxe novos interesses pelo conhecimento de seu pensamento.

No final da década de oitenta, Germano Vollmer Filho, estimulou e coordenou o primeiro grupo de estudos de nossa Sociedade sobre a obra de Donald Meltzer. A partir de então criaram-se outros grupos, tendo ele se tornado, conforme mencionado no editorial desta edição, o autor ao qual é dedicado o maior número de grupos de estudo em atividade em nossa Sociedade. No mesmo contexto, Paulo Martins Machado introduziu em seus seminários sobre desenvolvimentos pós-kleinianos os primeiros textos de Meltzer como parte integrante do currículo de nosso Instituto.

Tive a oportunidade de participar deste primeiro grupo e, com colegas, fizemos vários planos para conhecer Meltzer pessoalmente. Iniciados nossos estudos, passamos a *seguir-lo* onde pudéssemos. Fomos algumas vezes a Buenos Aires, alguns a São Paulo. Também alimentamos a idéia de irmos a Oxford e de trazê-lo a Porto Alegre. Ele recusava tais convites, como já o fizera anteriormente, porque não conhecia Porto Alegre e porque – depois o disse – tinha a determinação de não ir mais a lugares onde, ao invés de ter suas idéias discutidas e com possibilidades de ampliação, as via apenas sendo contestadas e desvalorizadas. Já estava cansado – repetia – de ter que debater questões como causalidade, de visões mais próximas do positivismo e da categorização, quando se preocupava com a ampliação de significados e com a vida do *grupo interno*. Gostava de discutir e trocar idéias com aqueles para os quais não necessitasse *provar* seus pontos de vista.

Nosso primeiro contato com ele deu-se em Buenos Aires, na sede recém inaugurada da APdeBA, onde realizou conferências e supervisões. Esperávamos um homem formal, rígido, talvez com muitas articulações intelectuais. Foi quando tivemos o primeiro grande impacto: sua aparência em nada condizia com a imagem que tínhamos dele até então. Vestia-se de forma simples, quase desleixada, falava de modo simples e cuidadoso, não parecia nada formal e muito menos rígido. Nas supervisões, ouvia com muita atenção os relatos, sempre de olhos fechados, *procurando construir uma imagem da situação* descrita tanto do mundo interno do paciente, como da interação entre paciente e analista. Era muito respeitoso ao se dirigir aos supervisionados e colegas presentes e, em todos os momen-





tos, parecia em grande contato com o material apresentado. Interessava-se por diferentes ângulos e detalhes que o ajudavam a compor a “imagem” a que se referia. Falava sobre aspectos reais do paciente e da relação com o analista. Não atendia à “propaganda da superfície do objeto”, mas não a rejeitava, incluía-a em sua construção da “beleza de seu interior”. Ao descrever esta última, fazia-o de modo muito vívido, permitindo que todos entrássemos em contato com os aspectos íntimos do que enxergava no material relatado. Em diversos momentos nos emocionávamos, a ponto de, em uma situação em que identificou uma intensa solidão em uma menina com defesas muito primitivas, muitos na sala lacrimejaram, condoídos e identificados.

Seu intenso contato sensível com a comunicação inconsciente, seu trabalho psíquico e talento para a construção de imagens vivas, por vezes de grande complexidade, mas ao mesmo tempo modestas e claras, fizeram com que muitos de nós tivéssemos a impressão de estarmos diante de um gênio, de uma pessoa com capacidades não usuais, com possibilidades de enxergar coisas pouco comuns e de despertar espanto. Meltzer oferecia o mistério do trabalho psíquico e dava margem à surpresa de seu contato. Aparentemente fazia isso de modo natural e permanente.

Um episódio anedótico que envolveu sua chegada a Porto Alegre talvez transmita esta noção de naturalidade e contato sensível permanente. Encarregado de buscá-lo no aeroporto, saímos do prédio velho, acompanhados por sua colega Catharine, quando fomos abordados por um psicótico, destes andarilhos de rua. Fiquei constrangido e imediatamente pensei em como fazer para livrar-me da situação. A possibilidade de ter que *manejar* um psicótico ali, naquela circunstância, pareceu-me uma tarefa impossível. Foi quando Meltzer colocou a mão em meu braço e disse: “Escuta ele um pouco, tenho a impressão que quer nos dizer alguma coisa”. Meltzer não falava nenhuma outra língua que não o inglês. Certa ocasião disse que procurava entender a linguagem dos objetos internos. Era o máximo por que se interessava. Esse episódio nos conduzia a essa segunda língua que ele falava. Fiquei atônito: onde nos levaria aquilo? O que ele pretendia? Eu usava, na ocasião, um blazer azul; o rapaz olha para mim e pergunta: “O senhor é piloto?” Eu, constrangido, disse: “Não”. “Mas o senhor anda pelos ares”, contestou ele. Fiquei surpreso com o comentário. Meltzer olhava o rapaz, que me pergunta: “Ele é seu pai?”. Digo novamente: “Não”. E ele: “Mas é uma pessoa muito importante para o senhor”. Perplexo, eu não sabia mais quem era o psicótico, quem tinha contato com qual realidade. Foi quando Meltzer me disse: “Ele é muito atrapalhado, mas tem objetos internos muito bons. É uma pena que não haja alguém para poder escutá-lo e lhe dar assistência.” Naquele momento, eu não





conseguia imaginar de onde ele tinha tirado aquilo, sendo tão enfático, sem compreender o conteúdo da conversa. O estruturado “diálogo entre eles” continuou um pouco mais, eu servindo como porta-voz, surdo e mudo como sujeito, mas mantendo absolutas e perfeitas as convenções com o mundo externo.

O rapaz pegou então a mão de Meltzer – a quem não havia dirigido a palavra diretamente – que pegou a do rapaz com as duas mãos. O rapaz disse: “Foi muito importante lhe conhecer” e Meltzer respondeu, em inglês: “Para mim foi também significativo (*remarkable*)”. O rapaz retirou-se, sem me perguntar o que Meltzer lhe havia dito e sem apertar a minha mão ou a da Catharine. E nós também saímos. Eu, entre o incrédulo e o estupefato.

Um outro aspecto peculiar era sua marcante irreverência. É possível que tenha sido uma forma de se manifestar contra a mentira, a hipocrisia e a tirania que, em sua obra, sempre foram destacadas – na esteira do pensamento bioniano – como os elementos de oposição à construção de significados. Diz-se que esse aspecto esteve bastante presente na organização de sua vida pessoal, em sua ruptura com a Sociedade Britânica, sendo perceptível também em alguns de seus escritos. Cito como exemplo a última frase de seu artigo *Routine and inspired interpretations*, do livro *Countertransference*, de Epstein e Feiner (retirada, depois, na versão do mesmo artigo publicada na coletânea *Sincerity*), onde diz textualmente: “Analistas do mundo, desuni-vos, vocês não têm nada a perder senão sua auto-idealização”.

No contato pessoal isso era facilmente identificável, desde seu desejo de não tomar parte de jantares em sua homenagem (“...apenas o estritamente necessário para que não tomem como uma desfeita ou desconsideração”) quando em visita aos diferentes agrupamentos que reuniu principalmente na Europa e Argentina, até pequenas situações como a que se passou quando o convidamos para vir a Porto Alegre.

Após contarmos alguns amigos da ApdeBA, fui encarregado de convidá-lo utilizando uma estratégia que consideramos irrefutável, uma vez que não queria ficar dias em Porto Alegre. A proposta era que ele saísse um dia antes de Buenos Aires e passasse (“desse uma passadinha”) apenas algumas horas em Porto Alegre, para supervisões e talvez uma conferência. Ele me ouviu atentamente e disse: “Não vai ser possível. Já tenho pacientes marcados, que não posso desmarcar e, além disso, como todos sabem, gosto muito de animais e tenho alguns periquitos que eu pessoalmente alimento e que só têm ração até este dia”. Eu poderia ter argumentado, que, em função de nosso acerto com a APdeBA o *desvio* o retardaria apenas algumas horas, mas aquele pretexto me deixou paralisado: tínhamos





montado a estratégia *perfeita* e esquecido os periquitos ...

Depois de alguns encontros, ele já nos conhecia um pouco melhor, fomos *recomendados* e finalmente concordou em vir. Aqui, conversando, perguntei-lhe pelos periquitos. Antes que me respondesse, Catharine observou-lhe com ar de mãe zangada: “Donald, não vais me dizer que disseste a eles que tinhas periquitos”. Ele, com um ar de criança arteira: “Eu realmente posso ter dito”.

Em mais de um momento, Catharine mencionou o fato de ouvi-lo freqüentemente rindo com seus pacientes no consultório. Meltzer completou dizendo que, desfeitas algumas confusões causadas pela identificação projetiva, o espaço da curiosidade, da conjectura e da imaginação era liberado e que a análise deveria também ser lúdica, como o é um espaço de criação.

Ele estimulava a que a experiência emocional fosse constantemente buscada e para isso muito freqüentemente afastava-se e não reverenciava as formalidades. Assim, em uma supervisão, um analista quis mostrar-lhe o desenho de uma criança e ele lhe pediu que não o fizesse, que descrevesse o desenho, para espanto do analista e da platéia, ou então dispensava os relatos da história dos pacientes que supervisionaria, ficando às voltas com a construção das imagens do momento da comunicação e da relação. Como quando sugeriu que, com alguns pacientes narcisistas, se interrompesse temporariamente a análise para diminuir a tensão sobre o paciente ou lhe sugerisse que saísse do divã e se sentasse temporariamente na poltrona. Ou quando disse que, nos últimos tempos, não se preocupava mais com o número de sessões com que iniciaria uma análise, a transferência é que estabeleceria seu curso. Talvez seja preciso uma mente genial, muito talento, tolerância e despojamento para se poder viver sem quaisquer convenções. Talvez ele as tivesse, como nos deu a impressão e como transmitem seus escritos.

A experiência de vê-lo trabalhando com material de supervisão e acompanhar os já diversos relatos dos grupos com os quais sistemática ou esporadicamente desenvolveu atividades, juntamente com a riqueza figurativa de sua descrição de estados emocionais, tudo isso estimula uma função estética em nossa mente. E a curiosidade de conhecer o interior e a intimidade de nossos objetos internos e daqueles que nos procuram em nossa tarefa impossível.

Muitas vezes Meltzer foi descrito como *bad boy*, como rebelde. Talvez até mesmo conspirasse ... Se o fez, pelo menos conspirou longamente a favor do cuidado da família dos objetos internos e da ampliação do mundo de significados.

Sentiremos falta. □





## Abstract

### **Meltzer in person: an aesthetic impact**

The author relates some situations experienced during contact with Donald Meltzer in visits to Buenos Aires and the Porto Alegre Psychoanalytical Society, and also some personal impressions about the visitor.

Keywords: Donald Meltzer, Psychoanalysis, psychoanalytical institution, communication, whole world.

## Resumen

### **Meltzer en persona: un impacto estético**

A partir del contacto con Donald Meltzer en visitas a Buenos Aires y a la Sociedad Psicoanalítica de Porto Alegre, el autor relata algunas situaciones vividas, así como impresiones personales sobre características del visitante.

Palabras llave: Donald Meltzer, Psicoanálisis, institución psicoanalítica, comunicación, mundo interno.

Recebido em 02/05/2005

Aceito em 10/05/2005

### **José Carlos Calich**

Rua 24 de outubro, 838/603  
90510-000 – Porto Alegre – RS – Brasil  
E-mail: jccalich@sppa.org.br

© Revista de Psicanálise – SPPA